



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SANTANA – CSTN
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCLP**

**CASSIA CAMILA LEÃO FONCÊCA
CAMILA DE SOUZA BARBOSA**

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DE MULHERES UNIVERSITÁRIAS DA AMAZÔNIA
AMAPAENSE NO ENSINO SUPERIOR**

SANTANA – AP
2019

**CASSIA CAMILA LEÃO FONCÊCA
CAMILA DE SOUZA BARBOSA**

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DE MULHERES UNIVERSITÁRIAS DA AMAZÔNIA
AMAPAENSE NO ENSINO SUPERIOR**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal do Amapá –
Campus Santana, como requisito para a obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia.

Profa.Orientadora: Ms.: Alciléa Maria Ferreira
Rocha.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE MULHERES UNIVERSITÁRIAS DA AMAZÔNIA AMAPAENSE NO ENSINO SUPERIOR

BARBOSA, Camila de Souza¹
FONCECA, Cassia Camila Leão²
ROCHA, Alciléa Maria Ferreira³

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o percurso histórico de duas mulheres amazônicas em relação ao acesso no ensino superior e analisar as condições de sua presença atual neste nível de ensino. Assenta-se em um estudo bibliográfico inicial, de caráter qualitativo, para verificar as mudanças que ocorreram na história do Brasil em relação às condições de escolarização feminina, especificamente no que se refere ao ensino superior na Amazônia. A seguir apresenta os relatos de experiência de ambas na Universidade Federal do Amapá-UNIFAP *Campus Santana*, com base nestes relatos analisar as condições atuais de acesso e permanência das mulheres nesta universidade. Foi possível constatar que o acesso feminino ao ensino superior é recente, datando da década de 1960 o seu efetivo ingresso, mas que hoje ela predomina nesse nível de ensino de uma forma geral. Nos relatos de experiências das autoras, por sua vez, verificou-se a presença maciça de estudantes da classe trabalhadora e de baixa renda, sendo a maioria do sexo feminino, nas licenciaturas. As condições socioeconômicas, a escolarização anterior dos estudantes e a inserção das mulheres em determinados cursos são outras variantes aqui discutidas. Considera-se que tal análise auxilia na compreensão dos fatores econômicos e culturais que interferem na situação educacional e profissional da mulher brasileira, consistindo em uma importante ferramenta teórica para subsidiar suas lutas.

Palavras-chave: Mulher. Amazônia. Ensino superior. Relato de Experiência.

ABSTRACT

This research aims to investigate the historical background of two Amazonian women in relation to access in higher education and analyze the conditions of their current presence in this level of education. It is based on an initial qualitative bibliographical study to verify the changes that occurred in the history of Brazil in relation to the conditions of female schooling, specifically in what refers to higher education in the Amazon. The following presents the experience reports of both at the Federal University of Amapá - UNIFAP *Campus Santana*, which analyzed the current conditions of access and permanence of women in this university. It was possible to verify that the female access to higher education is recent, dating from the 1960s its effective entrance, but that today it predominates in this level of education in a general way. In the author's reports, the mass presence of working-class and low-income students was found, with the majority female, in undergraduate degrees. The socioeconomic conditions, the previous schooling of the students and the insertion of the women in certain

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia, turma: 2015/01, promovido pela Universidade Federal do Amapá- UNIFAP- Campus Santana.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia, turma: 2015/01, promovido pela Universidade Federal do Amapá- UNIFAP- Campus Santana.

³ Orientadora. Mestra em Desenvolvimento Regional pela UNIFAP, professora efetiva do magistério superior da UNIFAP – Campus Santana.

courses are other variants discussed here. It is considered that this analysis helps in the understanding of the economic and cultural factors that interfere in the educational and professional situation of the Brazilian woman, constituting an important theoretical tool to subsidize their struggles.

Keywords: Woman. Amazon. Higher education. Experience Report.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história brasileira, a mulher demorou a ter acesso à educação escolarizada, principalmente no que se refere ao ensino superior. No século XIX, quando as primeiras faculdades foram construídas no País, mesmo que algumas delas permitissem a entrada de mulheres, ainda havia uma forte resistência pela sua emancipação ou pelo que sua exposição pública poderia provocar. Isto demonstrava também a persistência de relações pautadas no sistema patriarcal. Foi somente no século XX, mais precisamente nos anos de 1960, que as mulheres começaram a ter presença, de fato, no ensino superior no Brasil.

Pesquisas recentes indicam que as mulheres tem sido maioria em todos os níveis de ensino no Brasil, inclusive o superior. De acordo com os dados do Plano Nacional de Qualificação, do Ministério do Trabalho e Previdência Social – MTPS, as mulheres lideram a presença em escolas, universidades e cursos de qualificação. Apesar de revelar um avanço significativo no âmbito de sua escolarização, o mesmo estudo comprova que as mulheres ainda estão sujeitas a uma menor remuneração em relação aos homens, mesmo que desempenhem uma atividade idêntica a eles (BRASIL, 2015).

Este estudo é um relato de experiência de duas acadêmicas do curso de Licenciatura em Pedagogia promovido pelo *Campus Santana* da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, tendo como objetivo geral: tornar público a realidade e demonstrar, por meio de relatos, as experiências de duas mulheres universitárias na Amazônia Amapaense no ensino superior.

O presente trabalho cujos objetivos específicos se pautam em analisar a luta pelo acesso e permanência das mulheres na educação superior, compreender o fenômeno do ensino superior para o gênero feminino e conhecer a trajetória de vida das mulheres amazônicas que ingressam no ensino superior. Estes objetivos irão nortear o desenvolvimento deste artigo.

Quanto à problematização da pesquisa, fez-se a seguinte indagação: quais as principais dificuldades encontradas ao longo da formação acadêmica pelas mulheres da Amazônia?

Assim, para contextualizarmos os relatos de experiência, tornou-se importante lembrar um pouco da história do ensino superior no Brasil com a chegada da família real portuguesa

(1808). A criação destas instituições de ensino superior e, dois anos mais tarde, da Academia Real Militar, também no Rio de Janeiro, tinha como finalidade fornecer um diploma de nível superior àqueles que iriam ocupar cargos privilegiados em um mercado de trabalho restrito (MARTINS, 2002).

Os relatos de experiência possibilitaram fazer o diálogo com o contexto teórico apresentado e obter resultados para esta discussão científica. Ao se tratar de história das mulheres no ensino superior percebemos uma restrição na literatura e nas pesquisas voltadas a este tema. Diante disso, acredita-se que este trabalho venha contribuir com novas pesquisas para essa temática tão fragilizada e intensa de fenômenos sociais.

2 A AMAZÔNIA AMAPAENSE NO CENÁRIO DO BRASIL

A conquista do Amapá pelo estado brasileiro foi estabelecida pelas ações organizacionais do governo, agindo assim para coagir as ocupações estrangeiras e defender o território Brasileiro que já tinham sido conquistado pelos portugueses. De acordo com Moraes e Moraes (2017), o Amapá está localizado na região amazônica, entre o Rio Amazonas e Oceano Atlântico, situado ao extremo norte do Brasil. O Estado figura-se nos hemisférios norte e sul, o que possibilita o fenômeno do Equinócio. Ao sul e sudeste do estado está localizada a capital Macapá, à qual é banhada pelo maior rio de água doce do mundo, Rio Amazonas.

Segundo Moraes (2017), a cultura e costume do Amapá bem como no Brasil ampliou-se através do processo de colonização das regiões de interesse. Que se estabeleceu por meio da união e ajuste da população indígena, portuguesa e africana.

2.1 A CRIAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ

Em 1920 a população dos municípios de Macapá e Mazagão, com anseio de independência burocrática sobre a região, requereu a criação do território do Amapá, primeiramente negado pelo Governo Federal. Através de pressões políticas e, então, por meio de um decreto, em 1943, Getúlio Vargas, presidente na época, originou os territórios da Amazônia, com intuito de proteger as fronteiras brasileiras da segunda guerra mundial, onde o Amapá foi separado do Estado do Pará. (MORAIS, 2017)

Então se tratando desse contexto histórico Moraes (2017, p.58) explica que

O Território Federal do Amapá dentro desse contexto histórico, destacava-se dos demais, não só pela sua posição geográfica estratégica, que poderiam deslocar-se até o norte da África e Europa, mas por terem os norte-americanos em 1941 construído uma grande Base Aérea Militar, na área do município de Amapá- AP, que serviria de proteção para a Amazônia e a riqueza dela, novamente a exploração da borracha amazônica ressurgia como principal produto de exportação.

No Amapá, se percebe a presença de comunidades ribeirinhas em toda a sua extensão as margens de rios e lagos, sendo, uma característica herdada dos indígenas. E a população que mora em casas de palafitas, sem o devido cuidado e sem o serviço público fica exposta a poluição dos rios e a marginalidade local por não ter o acesso em suas casas por ruas e sim pontes de madeiras. Também não possuem acesso aos serviços público de tratamento de água e esgoto. Esses ribeirinhos por serem famílias que migram dos interiores do Estado ou das ilhas próximas, trazem consigo a suas culturas e modo de vida voltada a agricultura familiar e usam o seu habitat para viver.

Esta realidade muito retratada pela mídia local demonstra que nessas comunidades é diferente da cidade, apesar da nova geração ter as grandes evoluções, o meio de transporte ainda são barcos motorizados, montaria de remo, que servem de meio de comunicação, trabalho e estudo com a cidade. Mas as pessoas que ali vivem não contam com mudanças, isso é devido à falta de políticas públicas para mudar essa realidade de vida, a dificuldade de acesso à escola é grande quando se tem que atravessar um rio, igarapé, fato este encontrado na comunidade ilha de Santana-AP, por exemplo, essas privações faz com que muitas pessoas não ingressem em escolas ou abandonem cedo seus estudos. Mesmo morando nas cidades se encontram as margens desta sociedade.

Faz-se este recorte temporal para compreender o espaço do Estado do Amapá dentro da conjuntura história e seus traços específicos de formação sociocultural e econômica presentes nos primeiros momentos do povoamento e resistem até atualidade.

3 RETRATO DA LUTA DAS MULHERES PELO TRABALHO E ENSINO SUPERIOR

Por muito tempo a mulher ocupou o papel de subordinada, sofrendo a opressão, discriminação em razão do gênero, compreendida unicamente para ser uma filha, futura esposa, mãe dedicada e dona de casa.

A inserção da figura feminina no mercado de trabalho tem como destaque a época da revolução industrial no século XVIII, em que as indústrias se fortaleciam cada vez mais. A mulher foi obrigada a encarar o trabalho fabril, pois os salários dos trabalhadores masculinos,

que eram considerados chefes de família foram profundamente achatados e não garantiam mais as subsistências familiares, a partir disso as mulheres começaram a sair de suas casas para ir às fábricas, onde, porém, o trabalho das mulheres naquelas condições, desagregava completamente as famílias, pois as jornadas de trabalho fabril eram extremamente exaustivas. (BOTTINI; BATISTA, 2013)

No mercado de trabalho não havia respeito, a mulher sofria discriminação e era explorada, submetida a espancamentos e ameaças sexuais constantes, trabalhando sempre acima de seus limites físicos, recebendo sempre salário inferior ao do homem. (BOTTINI; BATISTA, 2013)

Em resistência a isso, surgiram muitas manifestações para que a jornada de trabalho fosse reduzida, foi no bojo de umas das manifestações pela redução da jornada de trabalho que 129 tecelãs da Fábrica de tecidos Cotton, em Nova Iorque (Estados Unidos), cruzaram os braços e paralisaram os trabalhos pelo direito a uma jornada de 10 horas, na primeira greve americana conduzida unicamente por mulheres. Violentemente reprimidas pela polícia, as operárias, acuadas, refugiaram-se nas dependências da fábrica. No dia 8 de março de 1857, os patrões e a polícia trancaram as portas da fábrica e atearam fogo. Asfixiadas, dentro de um local em chamas, as tecelãs morreram carbonizadas. (PARANÁ, 1997). Esse fato teve um grande simbolismo e tornou-se o celebrado dia internacional de lutas pelo direito da mulher.

3.1 MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL

Sabemos que para ter um emprego dos *sonhos*⁴, além de estudar muito, a mulher precisa ter êxito em ser selecionada para a vaga em questão, já que atualmente no Brasil o mercado de trabalho está bastante disputado. Com o crescimento econômico, as empresas passam a contratar pessoas pelas suas qualificações, só que as empresas estudam sempre os meios para fazer com que muitas pessoas se qualifiquem, esquecendo que o quadro de vagas não supera essa expectativa.

De acordo com PNAD (2019):

No Brasil, a taxa de desocupação no 1º trimestre de 2019 foi de 12,7%, 1,1 ponto percentual acima do trimestre anterior (11,6%) e 0,4 p.p ponto percentual abaixo do 1º trimestre de 2018 (13,1%). As maiores taxas foram observadas no Amapá (20,2%), Bahia (18,3%) e Acre (18,0%), e as menores, em Santa Catarina (7,2%), Rio Grande do Sul (8,0%) e Paraná e Rondônia (ambos com 8,9%).

⁴ Grifos nossos.

Segundo PNAD (2019), o Amapá possui maior taxa de desocupação com percentual de 20,2% no 1º trimestre de 2019, superior ao 1º trimestre de 2018 com percentual de 19,6%. Salienda ainda que a cada cinco amapaenses acima de 14 anos habilitado para o trabalho no mercado está desempregado. Ademais, a taxa do Amapá é aproximadamente o dobro da média nacional de 12,7%.

3.2 MULHERES TÊM MENOR NÍVEL DE OCUPAÇÃO QUE OS HOMENS

No 1º trimestre de 2019, as mulheres eram maioria na população em idade de trabalhar no Brasil (52,4%) e em todas as grandes regiões. Porém, entre as pessoas ocupadas, predominavam os homens, no Brasil (56,3%) e em todas as regiões, sobretudo na Norte, onde os homens representavam (60,6%). (PNAD, 2019)

A taxa de desocupação no Brasil, no 1º trimestre de 2019, foi de 12,7%, mas com diferenças significativas entre homens (10,9%) e mulheres (14,9%). Este comportamento foi observado nas cinco grandes regiões. As mulheres também se mantiveram como a maior parte da população fora da força de trabalho, tanto no país (64,6%) tanto em todas as regiões (PNAD, 2019)

As pesquisas indicam que as mulheres ainda são rotuladas como frágeis, delicadas, não podendo executar o mesmo papel do homem em trabalhos informais, por exemplo, tendo em vista que muitas delas ocupam papéis informais nas mesmas categorias, mas ainda não superam a proporção maior dos homens, pois não há abertura em relação ao machismo que ainda predomina grande parte da população. Onde ocupam o maior espaço no serviço familiar dentro e fora de casa sendo maior parte desses serviços não remunerados.

No caso do acesso da mulher no ensino superior no Brasil este foi um fenômeno tardio, pois somente no final do século XIX, as mulheres brasileiras adquirem o direito de ingressarem nas universidades. Isso só aconteceu a partir de 1879, quando um episódio vivido por Maria Augusta Generosa Estrela, que sendo diplomada em medicina, em New York, em 1876, com uma bolsa de estudos concedida pelo próprio imperador D. Pedro II, retornando ao Brasil foi impedida de exercer a profissão. (BLAY E CONCEIÇÃO, 1991)

Entretanto ao contrário do que ocorreu no passado da história das mulheres no Brasil, quando o acesso ao ensino superior lhes foi durante tanto tempo negado, atualmente são maioria nesse segmento de ensino no Brasil.

Diante desse histórico tão arraigado de discriminação e privação é extremamente importante analisar e refletir a cerca das conquistas femininas e das dificuldades ainda enfrentadas por elas, pois como vimos anteriormente, ainda hoje em pleno século XXI, a mulher que decide se encaixar na universidade e no mercado de trabalho precisa fazer malabarismo para conseguir conciliar com as tarefas da vida doméstica, ou por que não têm com quem contar ou ainda convivem com homens que acham que os deveres domésticos são em maior parte ou exclusivamente de responsabilidade da mulher.

Segundo Figueiredo (2017), 19,6% das mulheres amapaense possuem ensino superior, enquanto os homens 14,7%, ou seja, a quantidade de mulheres que concluíram ensino superior em 2016 é maior que os homens.

Por tanto, observa-se no processo cronológico da história que as mulheres lutam por espaço tanto no mercado de trabalho quanto no meio acadêmico, nas universidades, porém esta batalha enfrenta grandes obstáculos, por exemplo, o machismo e o preconceito. No entanto, é notável que a participação da mulher nesses ambientes e atualmente, está cada vez maior. Ainda assim é necessário combater a percepção de que mulher é apenas para cuidar dos afazeres domésticos e da família que esta inserida.

4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A metodologia da pesquisa em questão se trata de relatos de experiências de mulheres Universitárias Amapaense no Ensino Superior, baseada nas vidas acadêmicas das autoras, tendo como objetivo expor a vivência de ambas, ao longo dos 08 (oito) semestres no curso de graduação de licenciatura em pedagogia promovido pela Universidade Federal do Amapá – *Campus Santana* no período de 2015.2 a 2019.1.

Desta forma, o relato se baseou na liberdade de expressão, a fim de apresentar percepções individuais, que demonstram as afinidades em relação às dificuldades de uma pessoa com família, filhos e outra solteira, morando com os pais.

O Lócus de observação deu-se na Universidade Federal do Amapá - *Campus Santana*, local onde a pesquisa foi realizada, está localizada a 30km da capital de Macapá, fazendo parte do município de Santana, por se tratar de uma cidade portuária, foi construído um cais flutuante que acompanha o movimento das marés pela sua profundidade e fácil navegabilidade, permitindo assim o acesso de navios cargueiros de grande porte. Foi construído o principal porto de embarque de pinho para exportação e desembarque de navios,

contendo produtos importados. É também em Santana que se localiza o distrito industrial do Amapá, à margem esquerda do rio Matapi, afluente do rio Amazonas.

O Campus Santana localizado na Rodovia Duca Serra, nº 1233, no Bairro Fonte Nova, próximo a Zona Industrial de Santana. A Resolução que deu origem a implantação do Campus Santana foi nº 04 de 08 de Setembro de 1997 que aprovou o projeto de interiorização da Universidade Federal do Amapá, sendo instituída a resolução Nº 019 de 17 de julho de 2006.

A UNIFAP - Campus Santana foi inaugurado oficialmente em 02 de maio de 2005, com o curso de Arquitetura e Urbanismo. Antes deste momento, o campus entrou em funcionamento entre os anos de 2007 a 2009, como um polo tecnológico da UNIFAP, com a perspectiva de que os cursos que entrariam seriam todos de exatas, iniciando com duas turmas de arquitetura, porém não teve continuidade, assim a partir de 2016 o curso de Arquitetura e Urbanismo foi transferido para o Campus Marco Zero.

Em 09 de dezembro de 2015 foram implantados neste Campus os Cursos de Licenciatura em Filosofia, Letras, Química e Pedagogia. Regulamentado pela RESOLUÇÃO Nº 046/2013-CONSU de 21 de novembro de 2013, após da assinatura de pactuação entre a UNIFAP e a Diretoria do Desenvolvimento da Rede de IFES da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação, a Diretora do DIFES/SESU/MEC e a Coordenadoria Geral de Recursos Humanos. Atualmente o campus comporta 85% das mulheres matriculadas no que diz respeito a essas três licenciaturas. (SIGAA UNIFAP 2018).

RELATO DE EXPERIÊNCIAS:

AUTORA 1 – CAMILA DE SOUSA BARBOSA

Família de Origem

Nasci no ano de 1990, no interior de Anajás, município de Breves no Estado do Pará. Morava em uma área ribeirinha dessa cidade com minha família. Meu pai trabalhava como comerciante, vendendo confecções e madeiras nos portos do interior, passava dias viajando e pouco o víamos, ele veio de uma família de camponeses e seringueiro, perdeu sua mãe com seis anos de idade, frequentou a escola só um mês, ele começou a trabalhar muito cedo e uma vez levou uma picada de cobra, e ficou em casa por um bom tempo, foi ai que meu pai aprendeu a ler e escrever com ajuda do meu avô, nesse período ele se dedicava integralmente a seu caderno, naquela época era difícil o acesso à escola, porém, aprendeu a ler, fazer matemática, o que serviu muito para a sua profissão.

Minha mãe era dona de casa, cuidava dos filhos, pescava, plantava, veio de uma família de madeireiros, ao contrário do meu pai, minha mãe nunca foi a uma escola, pois além do difícil acesso a escola, meu avô não permitia que suas filhas estudassem segundo ele para que não arrumassem marido cedo. Tenho sete irmãos, quatro homens e três mulheres, eu era bem pequena, mas lembro da árdua batalha que meus irmãos mais velhos travavam para chegar à escola que tinha “perto” de casa, eles iam de canoa e atravessavam o rio para chegar à vila próxima, o porto cacique, pegavam chuva, sol, mas nunca deixaram de ir para a escola.

Nós morávamos em uma casa grande de madeira, lembro muito daquele casarão com três quartos grandes, uma sala espaçosa, as paredes tinham quadros de Santos, o meu preferido era o quadro de São João, pois meu avô materno dizia que meus cabelos eram iguais ao mesmo, talvez esse fosse o motivo de gostar tanto daquele quadro. A cozinha tinha uma mesa enorme de madeira, afinal eram dez pessoas para suportar, uma das melhores lembranças que tenho se refere às refeições, era sagrado nesse momento, todos estarem na mesa e ao lado da casa havia mais dois espaços, a cantina que a gente chamava. Essa cantina já havia sido uma padaria, a única coisa que recordo desse lugar era que brincava muito com meus irmãos de *power range*⁵ e o outro lugar que chamávamos de oficina, onde ficava um gerador que levava energia pra nossa casa.

No terreno da casa lembro que meus pais criavam porcos, galinhas, patos, além de hortas com cebolinha, pimentinhas, couve, coentro tudo para o nosso consumo. Nossa mesa era farta, éramos pobres, faltava muita coisa material, mas vivíamos bem, nossa família era unida, das comidas da minha infância lembro muito do açáí, do peixe, do camarão, do porco, da caldeirada de galinha caipira, *chibé*⁶, mingau de arroz, de trigo, sempre tinha na nossa mesa. Minha mãe sempre foi muito dedicada aos filhos, meu pai quando chegava das suas viagens trazia brinquedos, essa era a forma que tinha de compensar a sua ausência.

Em julho de 1996 uma tomada de decisão do meu pai mudou nossos destinos, quando resolveu nos trazer para cidade para que pudessem estudar e ter um futuro diferente do que eles tiveram, pois sabemos o quão é precário o ensino no interior. Lá o ensino era da primeira a quarta série, então, chegou o momento em que não havia mais opções para os meus irmãos mais velhos. Meu pai preocupado com o futuro resolveu assim comprar uma casa na cidade. Então, nos mudamos para o município de Santana, no Estado do Amapá. No começo foi tudo estranho, mas consegui me adaptar rápido, afinal, tinha apenas cinco anos de idade, para os meus irmãos deve ter sido um pouco mais difícil a adaptação.

⁵ Desenho animado da década de 90.

⁶ Tipo de comida típica da região norte que envolve água e farinha de mandioca.

A nossa casa era bem grande, três quartos, minha parte preferida da casa era o pátio, pois era bem espaçoso e era o lugar que mais brincava com meus irmãos, meu pai continuava com sua profissão de comerciante, viaja e passava poucos dias em casa, minha mãe sempre dedicada aos filhos. Após alguns anos da nossa vinda para a cidade, minha mãe entrou na escola na educação de jovens e adultos - EJA, foi ai então que aprendeu a fazer seu nome, e a ler algumas palavras, mas não deu continuidade, pois logo em seguida sofreu um derrame e a deixou bem fragilizada, quando se recuperou ela não quis mais frequentar a escola, optou por uma professora particular em casa que ajudou a aprender o pouco que sabe sobre leitura e escrita.

A nossa vida não era a das melhores, passamos por muitas dificuldades, enfrentamos crises financeiras, como disse anteriormente, faltavam muitas coisas materiais, meu pai comprava o básico, eram oito filhos, sua despesa era grande, mas com o pouco vivemos e aprendemos o valor em cada conquista, quer dizer nem todos os filhos, tiveram alguns que nunca valorizaram o esforço dos meus pais, mas eu até hoje agradeço por tudo o que fizeram e fazem por mim. Meu pai é o homem que mais admiro nesse mundo, minha mãe é aquela rainha sem coroa, faz tudo para vê os filhos bem, logo quando chegamos todos os filhos estavam matriculados e assim cada um iniciou sua vida escolar e traçaram seus destinos.

Início da Carreira Escolar

No ano de 1997 iniciei minha vida escolar na escola estadual São Paulo, desde o início estudamos em escola pública, sempre fui uma aluna dedicada, comportada, obediente, estudei nessa escola da primeira a segunda série. Eu ainda lembro o nome das minhas professoras a Elaine e a professora Michele, dos colegas lembro-me de poucos, só os que eram mais próximos de mim. Na terceira série meus pais me matricularam em uma escola mais próxima de casa, a Escola Fonte nova, que tinha o mesmo nome do bairro, minha professora se chamava Silvia, o engraçado é que tenho mais lembranças da primeira e segunda série do que da terceira.

Da quarta à oitava série estudei na Escola Municipal Gentila Anselmo Nobre, essa escola ficava ainda mais próximo de casa, tenho tantas lembranças boas, vivi tantos momentos lindos, conheci pessoas maravilhosas que até hoje ainda tenho contato. Foram cinco anos que aprendi muito, me envolvia em todos os projetos da escola, fiz teatro, representei minha turma três anos para ser miss caipira, lembro bem que nenhuma das vezes eu ganhei, tínhamos a matéria de educação para o lar, na qual aprendi a plantar, fazer crochê, onde a professora Cássia sempre se preocupava em trazer algo diferente para nos ensinar.

Ressalto que, em todas as festas da escola eu estava envolvida, não diferente dos outros anos sempre fui esforçada e tinha as melhores notas, outro ponto importante em minha personalidade é que sempre gostava de ajudar meus colegas quando eles não conseguiam entender o assunto.

Eu teria tantas coisas pra falar dessa escola, das pessoas, mas vou me ater a citar o nome de uma pessoa, Rutinéia minha professora da quarta série, ela marcou na minha vida por que com ela aprendi coisas essenciais. Sabe aquele professor que vai pra sala de aula não somente pra ensinar conteúdo, e também ensinava valores, amor, compartilhávamos cartas, fotos, abraços e carinhos, nunca esquecerei quão doloroso foi à despedida na oitava série.

Então chegou o ano de 2005, o ensino médio, onde estudei em uma das escolas mais conceituadas do município de Santana-AP, a Escola Estadual Augusto Antunes. A aprendizagem lá era puxada, comecei a ouvir falar sobre o Exame Nacional do Ensino Médio- ENEM, vestibular, que pra eu entrar em uma faculdade ou Universidade, onde teria que tirar boa nota. Apesar das cobranças, meu ensino médio foi bem tranquilo, tive professores muitos bons que foram fundamentais para uma aprendizagem significativa e que me serviu muito.

Mais a frente, dois momentos me marcaram muito no meu ensino médio, participei do festival da canção e do festival da poesia. Nesses dois projetos que a escola realizava eram selecionadas as melhores canções e as melhores poesias, minha canção, foi selecionada em meio a doze canções que foram escolhidas para a apresentação final, não ganhei nenhuma das primeiras colocações, mas só o fato de ter sido selecionada eu já considerei uma vitória. Outro passa tempo era escrever, eu escrevia muito dos meus 13 a 16 anos, passava horas no meu quarto escrevendo, do festival da poesia foi feito um livro com as melhores poesias, lembro bem de uma tarde de autógrafos que teve para os escritores autografarem os livros, “me sentia uma estrela de novela” (*risos*)⁷.

No meu terceiro ano em 2007 em setembro quase terminando o quarto bimestre descobrir que estava grávida, tinha um namorado e já estávamos juntos há dois anos, nos conhecemos na igreja, embora eu soubesse que deveria me prevenir, não o fiz, eu vim de uma família tradicional, meus pais não conversavam sobre sexo com a gente, tudo o que eu sabia aprendi na escola e com algumas amigas. Lembro bem quão desesperada fiquei, chorei muito, não queria, não estava nos meus planos, estava terminando o ensino médio, o objetivo era fazer o vestibular e o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e entrar na UNIFAP, porque eu queria ser discente federal, porém, me conformei com a ideia da gravidez, mas meus pais

⁷ Grifos nossos.

levaram um choque quando falamos pra eles, lembro-me de meu pai que para solucionar o problema queria que eu casasse. Eu não queria, mas tive que obedecer meu pai.

Os últimos meses na escola foram terríveis pra mim, estudava a tarde e acabava cochilando nas aulas. Então, o esperado Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) chegou, eu não sabia ainda que carreira eu queria seguir. Fiz o Enem e como esperado minha nota não deu pra fazer sequer um ensino técnico, fiz o vestibular e a mesma coisa aconteceu, nota insuficiente para entrar na Universidade, pois estava muito sensível, a gravidez me deixou muito pra baixo, não foi o que planejei pra minha vida era o que pensava.

Família que Construir

O ano de 2008 chegou e o que tive naquele ano foi à realização de um casamento forçado e o nascimento da minha filha, este segundo momento foi um dos melhores da minha vida, nunca vou esquecer quando eu vi aquele pedacinho de gente sair de dentro de mim, me fez esquecer toda a dor que sentir, foi um amor que nunca tinha experimentado, me fez querer ser melhor, me fez querer ir além, me arrependi de ter rejeitado a ideia de ser mãe no início, minha vida agora tinha um sentido maior, foram três anos de dedicação total a minha família, me dediquei tanto que em 2011 descobri outra gravidez. É isso mesmo, grávida novamente. Mas agora tomando as devidas precauções, tomava anticoncepcional, entrei em choque: como isso pode acontecer? Minha filha já tinha três anos eu já pensava sair pra trabalhar, voltar a estudar, pois é eu fui aquele dois por cento de erro.

E em 2012 o meu segundo grande amor chegou pra completar minha felicidade, agora de um parto Cesário, minha segunda filha nasceu de oito meses, minha pressão estava muito alta e não podia esperar mais. Assim retrato as minhas filhas como o meu mundo cor de rosa, duas filhas para fortalecer meus sonhos, agora eu pensava no futuro delas, eu pensava em retomar com meus planos de entrar em uma faculdade, pensava em um emprego bom para assim dar a elas o que precisassem.

Sobre o casamento, até certo momento fomos bom um para o outro, construímos uma família, mas sempre digo isso, o namoro nunca será o suficiente para se conhecer alguém, claro no namoro só mostramos as nossas qualidades, o que temos de melhor, porém somos seres humanos, falhos, temos anjos e monstros dentro da gente, essa história rendeu dez anos, foram muitas tentativas de mudanças, de melhoras, eu só queria minha família unida.

Devido alguns acontecimentos, no ano de 2012 tirei minha habilitação, como meu marido trabalhava em outra cidade, a vinda dele era rápida, então eu precisava me virar com as meninas, desde sempre o peso maior foi sempre meu, a parte financeira era dele.

Toda a parte teórica da autoescola voltada para as leis, códigos de trânsito, e percentuais de acidente foram essenciais para ter tirado uma boa nota na redação do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) que fiz em 2013. Com essa nota eu conseguir uma vaga no PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) um curso técnico em controle ambiental na FAMA (Faculdade de Macapá), uma faculdade particular, um ano de curso, e imaginava que quando eu saísse de lá logo conseguiria um emprego, quão ingênua eu era, já faz muito tempo que emprego esta difícil, faz tempo que o Brasil passa por uma crise financeira. Acabou meu curso e cadê meu emprego? Só ilusão! Levei tantos currículos com minha formação técnica, e nada.

Pedi muito a Deus que eu tirasse uma boa nota e conseguisse entrar na *Federal*, o que me ajudou muito foi o tema da redação que era sobre álcool e trânsito, eu poderia dizer sorte, mas eu digo que foi Deus mesmo, que já vinha agindo na minha vida. Com essa mesma nota em 2015 me inscrevi no processo seletivo da UNIFAP, eu não acompanhava nada no site, quando se tem filho pequeno, casa pra cuidar, deixamos sempre pra depois algumas coisas.

Minha irmã que sempre acompanhava no site, viu meu nome na chamada pública, e lá vamos nós com toda esperança que chegaria ao meu nome, toda documentação em mãos para me matricular, o curso que escolhi na UNIFAP foi pedagogia, não era o curso dos meus sonhos, mas foi uma sensação incrível quando chamaram meu nome, eu e minha irmã vibramos de tanta felicidade, nunca vou esquecer aquele dia 18 de setembro de 2015 às 15hs. Fiz todo o preenchimento do formulário e lá estava eu a mais nova caloura da Universidade Federal do Amapá, não me esquecerei e faço esse registro, toda a força que minha irmã mais nova me deu sempre foi muito dedicada, esforçada, sempre acreditou em mim, sempre me incentivou a estudar, e sempre esteve ao meu lado quando precisei.

Mercado de Trabalho

Chegou um momento da minha vida que sentir a necessidade de ter meu próprio dinheiro, é tão ruim depender dos outros para comprar o que necessita. Sentir essa necessidade não somente por querer ter meu próprio dinheiro, mas por que já sabia que uma hora ou outra eu ia precisar me sustentar, meu casamento já não estava bem, piorou quando eu comecei a sair de casa pra trabalhar, sempre digo que quando você desconfia muito de uma pessoa é porque você faz e imagina que a outra esteja fazendo o mesmo, eu não estava enganada.

Outro ponto que considero importante foram os comentários e conselhos da minha mãe em relação à escola e aos estudos. Quando queríamos comprar algo que não podíamos

naquele momento ela nos orientava para que estudássemos muito e aprendêssemos muito na escola porque dessa forma poderíamos conseguir um bom emprego e futuramente compraríamos, e para não depender de marido.

Antes de começar o curso técnico, eu consegui um emprego em uma loja, indicação de uma amiga, comecei no pico, em dezembro de 2013, trabalhei lá quatro meses, deixei o emprego quando soube que meu nome tinha saído na lista do curso técnico. Não foi fácil abrir mão do meu emprego, mas pensei que tomando essa atitude eu poderia conseguir um emprego melhor. Após o término, como disse anteriormente me enganei por que o mercado de trabalho está difícil, não consegui o emprego que queria, mas me empreguei, meu primo conseguiu uma vaga em uma distribuidora em que ele trabalhava, fui contratada como vendedora externa, esse foi o emprego mais difícil que eu tive, pegava sol, chuva, clientes estúpidos e agora era por necessidade.

O ex-marido ficou desempregado, e não conseguiu um emprego imediato. Então agora ele passara a ficar em casa com as meninas e eu tinha que trabalhar. Havia dias que eu não tinha mais forças pra ir pra rua, mas logo lembrava que minhas filhas dependiam de mim, e eu não podia parar por um capricho, elas precisavam do pouco que eu ganhava, mas sair dessa empresa no dia 19 de setembro de 2015. Um dia depois da chamada pública, outro anjo tinha conseguido um emprego melhor, pelo menos melhor do que eu estava, e no dia 14 de dezembro do mesmo ano, comecei a trabalhar em outra empresa como operadora de caixa, e comecei a estudar no mesmo mês, aí começou o meu grande desafio: conciliar trabalho e universidade.

Ingresso na Universidade

Ingressei no curso de Pedagogia pela UNIFAP, no período da noite. Começaram aí as dificuldades: conciliar relacionamento conjugal, afazeres domésticos, duas filhas pequenas, trabalho e a universidade. Eu sabia que não seria fácil, mas não imaginava também que seria tão difícil, o primeiro semestre já me mostrou que a carga seria pesada, textos, livros, com leituras complexas, seminários em grupos, as minhas primeiras resenhas, metodologias de uma das disciplinas foram muitos difíceis pra mim, passava os finais de semana, lendo e relendo para poder entender e produzir alguma coisa. Os grupos foram se formando na sala, e de início eu confesso que fiquei perdida, eu trabalhava um dia sim e um não, consequentemente estudava um dia sim e um dia não.

Falei com a coordenação do curso e os professores do semestre sobre a minha situação e mesmos foram compreensivos, precisava trabalhar, estava mantendo a casa, foi um

semestre assim: no dia que eu não trabalhava eu me virava em tudo, eu que fazia tudo em casa, comida, lavava roupa, levava as meninas na escola, a carga era pesada. Tinha que me virar sozinha, meu casamento ia de mal a pior, não havia mais respeito, era agredida psicologicamente, eu vivia com um desconhecido, naquela época sim eu conheci de fato a pessoa que eu vivia, presenciei e vivi o machismo. Ele não aceitava o fato de sair pra trabalhar e ele ficar em casa com as meninas, dizia que deveria ser o contrário e que era o homem que devia levar o sustento pra dentro da casa, não aceitava que eu chegasse dez minutos fora do meu horário.

E em relação à Universidade, me acusava quando passava o horário de chegar a casa, e quando chegava ainda tinha que organizar tudo pro outro dia, enquanto ele saia pra jogar futebol sem ter hora pra chegar. Lembro muitas vezes de ter aberto a porta de madrugada, brigas acordando as meninas, minha vida estava um inferno, eu sabia que tinha que fazer alguma coisa, tomar uma decisão, tudo fiz pra reverter, mas nada mudava palavras, promessas quebradas, isso estava afetando o psicológico das minhas filhas, eu não podia as deixar crescerem vendo tantas brigas. Eu ia trabalhar estudar com a cabeça a mil, pensamentos muito longe, pensei em desistir, mas a consciência não deixou.

Primeiro semestre foi vencido com muitas lutas, me sacrificando, usando o dia da minha folga e os finais de semana para fazer os trabalhos, foi o semestre que mais tive faltas, mas não fiquei reprovada em nenhuma disciplina. Tive uma surpresa quase no final do semestre que me deixou em prantos, fui demitida, e dessa vez não foi eu que pedi, eles me mandaram, mas precisava daquele emprego, minha família dependia de mim. Lembro bem que cheguei em casa aos prantos, eu não conseguia entender, pois a demissão ocorreu no dia 01 de abril de 2016, por se tratar do dia conhecido popularmente como dia da mentira (folclore popular). Eu não imaginava que Deus estava preparando algo melhor pra mim, em junho do mesmo ano consegui outro emprego, perto da minha casa e não precisaria mais faltar nenhum dia nas minhas aulas, trabalhava oito horas, a carga horária normal de quem trabalha no comércio, e é nesse emprego me mantenho até hoje.

Segundo semestre chegou, decisões foram tomadas, agora era só eu, as meninas e o apoio da minha família. Minha rotina era pesada, acordava às seis da manhã todos os dias, fazia o café, acordava a minha filha menor que estudava de manhã, levava ela à escola, depois levava a filha maior na casa da minha mãe e então ia trabalhar. Dava quatro voltas de casa, trabalho, almoço, trabalho, casa e meu transporte durante dois anos e meio era uma bicicleta, com essa rotina emagreci sete quilos. Chegava do trabalho e ia pra Universidade.

Essa rotina era e é bastante exaustiva, uma graduação exige tempo, segundo semestre e já tinha estágio, pensei como que vou estagiar, não terei tempo pra isso, refletir. E fui falar com minha gerente, a única possibilidade da empresa me liberar meio período pra fazer meus estágios, pra minha surpresa ela me liberou e tudo foi dando certo, foi difícil o estágio, os textos, leituras, seminários, resenhas, finais de semanas estudando, madrugadas acordada, desgastes perceptíveis. Porém, mais um semestre concluído com sucesso, posso afirmar que com muito esforço, suor e determinação, e estes aspectos acompanharam os demais semestres letivos. O que acarretava muitas vezes em trabalhos entregues atrasados, apresentações atrapalhadas, professores incompreensivos, exigentes, professores incríveis, pacientes, conheci pessoas maravilhosas que de alguma forma me ajudaram muito também.

Era comum faltar em uma aula pra fazer trabalho de outra disciplina. Faltava por algumas vezes, por não ter com quem deixar minhas filhas, isso acontecia porque minha mãe viajava com meu pai. Algumas vezes cheguei a levar elas pra universidade, no final do dia já estava muito cansada, tudo o que eu queria era chegar em casa e deitar, aproveitar minhas filhas, nossa meu coração sangra só de lembrar o quão ausente eu me tornei na vida delas, mas eu converso com elas, e digo que é necessário pro nosso futuro, essa vitória não é só minha, é delas também, porque suportam tudo comigo, lutamos juntas, elas veem a minha garra, o meu sacrifício que é tudo por elas e assim caminhei.

No meio do curso vi pessoas desistindo por não aguentarem a carga, aquilo me deixava triste, pois com todos os sacrifícios eu continuava ali, e no meio do curso eu não pensava em desistir. Sei que muitos queriam ter a metade da garra e da coragem que tenho, por isso sou muito grata a Deus por está sempre ao meu lado e me manter de pé diante das lutas.

Minhas atividades acadêmicas individuais e em grupo foram difíceis de elaborar devido a rotina das colegas de turma serem semelhantes a minha. Portanto, era comum a elaboração de atividades via aplicativo de celular e e-mail, todas trabalhavam e impossibilitava um encontro semanal, o que levava raramente a sacrificar os domingos para nos reunir e montar os trabalhos. Estamos nós no último semestre, apreensivo para a nossa formatura, contando os dias para esse grande momento. Hoje em dia estou morando com meus pais. Meu pai há algum tempo se estabilizou financeiramente, já tem seis meses que ele me fez esse pedido por vê à batalha que enfrentava, melhorou muito a minha situação, conseguir comprar um transporte e hoje estou escrevendo tudo isso, essa historia ainda não acabou, tenho muitos planos. Mas já me sinto vitoriosa de ter chegado até aqui.

Analisando tudo isso, não consigo explicar como cheguei até aqui. *O que sei é que Deus é o Deus dos impossíveis* e Esteve e Está presente em todos os meus momentos. Isso é visível desde o meu ingresso na academia. O apoio dos familiares e dos amigos foi fundamental. Não só o apoio moral, mas a ajuda concreta de todos, inclusive de alguns professores. A batalha por essa conquista foi travada por todos os que me cercam, quer de forma positiva, me auxiliando, me incentivando, construindo junto. Quer em forma de empecilhos, fazendo nascer e desenvolver em mim, o desejo e a necessidade de superação dos obstáculos. Dessa forma, todos contribuíram para o meu crescimento, fazendo de mim um ser humano menos frágil, mais reflexivo e com uma visão de mundo menos egoísta e mais abrangente.

AUTORA 2 – CASSIA CAMILA LEÃO FONCECA

Família de Origem

Nasci no de ano 1996, em Macapá – AP, Sou filha única, moro na casa da minha avó (Paterna). Meu pai trabalhava de frentista em um posto de gasolina, minha mãe era empregada doméstica, limpava a casa, cuidava dos filhos dos patrões e ajudava em todas as tarefas fora e dentro de casa.

Meu pai sempre teve muito cuidado comigo, mas também sempre foi muito bruto, severo, ríspido, incompreensivo, achava que com isso as coisas mudariam. Já minha mãe sempre foi muito carinhosa e cuidadosa, sempre fazia o seu melhor para me agradar, claro no que sua condição proporcionava. Muitas pessoas falam que ser filho único é ótimo e que se tem tudo o que deseja, eu sou uma prova viva que não é dessa forma, a não ser que seus pais sejam bons financeiramente, pois minha mãe sempre deu a maior parte das vezes o que não tinha para me fazer sorrir ou ver meus olhos brilhando por uma coisa que sempre quis. Exemplo disso foi ganhar uma chapinha no aniversário de 15 anos.

Início da Carreira Escolar

Outro fato motivacional foi aprender a ler e escrever, já no segundo período aos cinco anos eu já lia nas comemorações da escola, com isso levei o estudo para dentro da casa da minha avó, para minhas primas, creio que desde cinco anos de idade já tinha a vontade de ser educadora, ensinar aqueles que mais precisam, pois naquele tempo não era obrigado as crianças estarem dentro das salas de aula como hoje em dia, minhas primas não eram matriculadas nas escolas então eu passava ser a professora e por mais incrível que pareça eu

ajudei uma delas a ler e escrever. Todo dever de casa que eu passava em uma folha branca elas me entregavam completos e bem produzidos, como criança eu me sentia muito feliz, orgulhosa por saber “ensinar” aquelas meninas.

Mais tarde entrei no ensino fundamental I e II onde sempre fui muito dedicada e em cada matéria, apesar das dificuldades, sempre enfrentava com muita força e coragem. Após isso passei no processo seletivo do IFAP (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá) para cursar o ensino médio integrado ao técnico em alimentos. Então, desde ali eu me vi uma futura professora, onde eu me espelhava em cada tarefa que nós discentes exercíamos. Chegando ao quarto ano me preparei em cursinho para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), estudava dia e noite para assim ter a grande realização e assim foram quatro (04) anos de descobertas acertos e erros, mas que contribuíram muito para minha formação acadêmica.

Ingresso na Universidade

Ao sair do ensino médio integrado ao técnico em alimento, me deparei com o “disputado” vestibular aquele momento de aflição, que já tinha esperado muito pelo meu nome na famosa lista, mas infelizmente não consegui entrar de primeira. Claro que não desisti diante de tal fato, busquei outros métodos para ingressar no ensino superior, como pelo PROUNI (Programa Universidade para Todos), FIES (Financiamento Estudantil) financiamento por faculdades particulares, mas pela minha condição financeira não tive êxito. Como nunca fui de desistir com facilidade, ingressei na UNIFAP (Universidade Federal do Amapá) em Licenciatura em Pedagogia, pelo segundo semestre por meio de chamada pública, a qual me orgulha muito.

No começo era tudo muito novo, conhecer novas pessoas de diferentes idades e mentalidades, começar novas amizades, claro que nada vem fácil, as matérias eram novidades, longos textos que ficavam complicados de ler, não conseguia compreender o real objetivo de alguns. Nas primeiras atividades de apresentação, era totalmente diferente do que eu estava acostumada a fazer, a formação dos grupos de estudos nos finais de semana, provas de introdução à filosofia, por exemplo, que desespere, mas com as dificuldades fui compreendendo e aprendendo à famosa faculdade que sonhávamos tanto lá no ensino fundamental, mas que os resultados positivos do primeiro semestre me tornaram forte para prosseguir durante todo o curso.

No segundo semestre as coisas ficaram apertadas em casa e como meu curso me dava oportunidade de conseguir um estágio não supervisionado, corri atrás e consegui um trabalho

como estagiária, fiquei muito feliz, mas sabia que muita dificuldade vinha pela frente. Nos semestres iniciais as dificuldades foram surgindo, deparo-me com a primeira barreira, a distância. Resido na Capital do Estado, Macapá-AP e a Universidade Federal do Amapá - *Campus Santana* é localizado a 18k da capital.

Então eu estava estudando em outro município chamado de Santana-AP e morava e trabalhava em Macapá-AP, meu horário de entrada no trabalho era de 7h às 12h30min até ai tudo bem, o tempo livre a tarde era reservado para as atividades da faculdade. Até que com o passar do tempo eu consegui outro estágio pela parte da tarde, então foi que comecei uma grande batalha do tempo, onde eu teria que estar na parada de ônibus às 17h só que isso não acontecia, entrava no estágio da tarde às 14h e saia às 18h e pegava o ônibus para faculdade às 18h30. Esse horário passava a ser um dos piores momentos do dia que é onde as pessoas saem do trabalho para suas casas e a ida para suas faculdades, porém me deparava com a superlotação, e várias vezes o ônibus não parava no ponto mais próximo da minha casa, uma realidade muito comum no Amapá, à falta de transporte público para todos os habitantes que aqui vivem, ônibus sujos, velhos, sucateados e a passagem chega ser um absurdo.

Meu grupo da faculdade era composto por cinco discentes e todos os cinco trabalhavam nos dois horários e pela parte da noite a faculdade, é claro que por muitas noites, chegávamos exaustos, doentes, com sono, esgotadas do dia intenso, mas tínhamos que levantar a cabeça e estudar, socializar, escrever trabalhos propostos para o dia. Conhecemos muitos professores dedicados e compreensivos a nos ajudar, mas na maior parte outros faziam de tudo para desejar ‘força’ para não dizer outra coisa. Ocorreu episódios que professor não permitia alunos chegarem 15 minutos após o horário de começo da aula, com argumentação que o discente sabia o horário, mas a dependência do ônibus faz com que você enxergue o outro da mesma maneira que você, pois muitas vezes o ônibus atrasa, quebra, não para no ponto quando solicitado, são muitos os motivos que levam o discente trabalhador e estudante a desistir.

Em meio à missão de conciliar trabalho, casa e bom relacionamento com colegas de classe e professores, outro fato que me colocou no campo do desgaste. Um determinado docente responsável por uma disciplina considerada tão importante quanto as outras, estabeleceu uma didática um tanto questionável pelos discente, pois a mesma baseava-se em que os alunos seriam total responsável pelo processo de ensino aprendizagem dos assuntos da disciplina em questão. Ou seja, nós, alunos, teríamos que ler um assunto e ministra-lo na aula seguinte. Assim permaneceu durante o tempo com o professor conosco.

Vale ressaltar que a menção do fato acima não se trata de um aluno encabeçado em suas batalhas diárias, porém ocorreu se estagnou em um dado momento, acredito que este aspecto tenha prejudicado a apreensão do conhecimento por mim e por meus colegas. Era um momento difícil, pois os trabalhos tinham que ser feitos do jeito que o professor pedia se não passava por desrespeito ao docente, sei que é de extrema importância fazer os trabalhos no dia como sempre busquei fazer, mas somos humanos e por vários motivos acontecem imprevisto, que na realidade a maior parte dos docentes não compreende.

Com toda a dificuldade para fazer os trabalhos e entregar no dia certo, o grupo composto por nós trabalhadores aos poucos ia se desfazendo pelas desistências que ocorriam durante os semestres, exemplo disso foi ver as desistindo por motivo onde os docentes não compreendiam nossa rotina cansativa e cheia de tarefas, que sempre nos deixava para baixo.

Exemplo maior foi uma docente que passou uma pesquisa de campo com relatório a ser entregue e apresentado em sala de aula como requisito avaliativo. Chegando o dia da apresentação, à mesma nos fez passar por um grande constrangimento na frente dos 28 discentes presentes na sala de aula, caso que levou revolta turma inteira, pois no momento da apresentação do relatório de atividade campo, a docente chamou atenção do meu grupo de forma inapropriada “gritando”, afirmando que estava tudo errado, alegando que tivemos tempo para tirar as dúvidas, e que as mesmas não foram feitas, no momento pedi para ela parar de me humilhar na frente de todos, mas continuou a discutir, afirmando que ela era docente e que naquele momento ela mandava em sala de aula.

Após o ocorrido uma discente que estava grávida de seis meses passou mal, precisou ir ao médico e mesma docente afirmou que não tinha responsabilidade pelo acontecimento. Eu, como futura pedagoga me sentir muito humilhada e incompreendida. Essa falta de compreensão de alguns docentes contribui para um processo de desistência, transmitindo em mim sentimento de incapacidade. Mas tiver colegas assim como eu que durante todo o curso não desistiram apesar dos desafios, apresentações, resenhas, muitas coisas ao mesmo tempo, me considero uma mulher guerreira, pois lidar com pressão e ao mesmo tempo liberar sorrisos e força de vontade é para os poucos.

Todo fim de semestre havia uma desistência, desistência de mulheres fortes que deixavam as dificuldades diárias (locomoção, família, trabalho, professores, relacionamentos, filhos, casa) enfim, todos esses motivos interferirem na capacidade de conciliar o trabalho forte e o estudo, creio que por meio dessas desistências a uma grande perda para nossa educação, mas um imenso reconhecimento para mulheres guerreiras como eu que apesar de toda dificuldades conseguem concluir uma graduação e exerce o real significado do que é ser

professor. Diante dos desafios do dia, impedi muitas pessoas de conseguir realizar grandes sonhos, como o de saber ler, escrever, de uma qualidade de vida melhor a sua família ou para si própria, é assim comigo.

No decorrer do curso realizamos muitas práticas pedagógicas e estágios supervisionados em escolas em Macapá e Santana no Estado do Amapá, e no decorrer de todas, tivemos muitas descobertas e aprendizados, vivenciei muitas circunstâncias desafiadoras, como o preparo de aula para as crianças, processo de escrita dos relatórios, tentar conciliar horário das práticas com o trabalho, tentar não trancar semestre para não perder o emprego, desentendimento com o grupo, desistências de mulheres que não tinham condição emocional para terminar. Por muitas vezes me vi sozinha, enfrentando um caminho cheio de pedras, porém, sabia e precisava da ajuda das colegas guerreiras que ali estavam comigo enfrentando a mesma situação.

A falta de diálogo entre nos discentes por um momento me veio vontade desistir pelo fato de não se compreendida e também por não compreender muitas das vezes as mulheres que ali viviam diariamente, pelo fato de não nos encontrar a maioria não fazia sua parte dos trabalhos selecionados maioria das vezes em sorteios via grupos de aplicativo de celular, mas a minha perseverança não me abandonava e me deixa cada vez mais forte. Com conversas o certo diálogo entrava em todo o processo de terminar um trabalho, e sempre saía, apesar de sempre ser um dos grupos de pouca popularidade, nós fazíamos o papel de discente, apresentávamos mesmo não estando como os outros grupos, mas ficávamos orgulhosas dos nossos objetivos que ali estavam sendo exposto. Com passar dos semestres minha força só aumentava com o propósito de sempre fazer o meu melhor, mesmo que para alguns não seja o suficiente. Porém com a rotina exaustiva de trabalho-estudo os nossos esforços por vezes não era reconhecido, o que me motivou ir até o fim e mostrar que posso ser melhor, e sou. Hoje me encontro-me finalizando o último semestre.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos relatos observou-se que, as duas trajetórias marcadas por dificuldades na academia, o grande desafio de conciliar trabalho e universidade, vivemos em um estado falido, roubado e refém dos políticos que a própria população coloca pra governar. Embora saibamos que não há opção e escolhas favoráveis, por que nunca muda um estado que já chegou a ser o primeiro no *ranking* nacional de desemprego.

As mulheres pra conseguirem o direito de entrar no mercado de trabalho enfrentaram e enfrentam preconceitos vividos na contemporaneidade, lutaram e assim conquistaram seu espaço, ainda na contemporaneidade mesmo depois de uma grande evolução visível mulheres ganhando menos que homens fazendo o mesmo serviço. É comum uma empresa optar pelo sexo masculino, no relato de uma das acadêmicas, onde ela vivencia o machismo quando precisa sair da sua casa para trabalhar e para da o sustento para sua família, a figura masculina diz que ela deveria ficar em casa cuidando das crianças, da casa e ele que deveria esta trabalhando, observa-se que em pleno século XXI ainda existem pessoas com uma visão de machismo extremo.

Além do preconceito e machismo vivido ainda é observado à incompreensão de alguns docentes em relação a horários de entrada, prazos com entrega de trabalhos, falta de diálogo, uma das coisas que aprendemos na academia que um bom professor deve conhecer o perfil dos seus alunos, evidencia-se poucos professores capazes de estabelecer essa relação entre docentes e discentes.

Outra grande dificuldade vivida por uma das acadêmicas é o uso do transporte escolar para se locomover de uma cidade pra outra até chegar à UNIFAP. O ônibus, um dos principais meios de transportes coletivos no Amapá, usado pela maioria da população para ir à escola, trabalho, lazer, e diversos outros lugares. É considerado o mais favorável para as famílias de baixa renda, sendo atualmente cobrada a tarifa de R\$ 3.60 (três reais e sessenta centavos), muitas reclamações em relação ao valor que não é proporcional às condições em que são postos dentro do mesmo. Existem cerca de 230 ônibus que circulam entre Macapá e Santana e na sua maioria em estado crítico, sucateados, alguns ainda quebram no meio do caminho, gerando um constrangimento aos passageiros, a superlotação é uma reclamação frequente dos usuários, em horários de pico quase não se consegue pegar um transporte público. Todos esses impasses faz com que aconteçam atrasos no horário que começa as aulas, fadiga, estresses, desanimado.

Todas as dificuldades enfrentadas são consideradas por nós, desafios esses que conseguimos manobrar com todo esforço, com o apoio da família de alguns amigos que construímos durante esses quatro anos, de alguns professores que construíram em nos seres humanos mais resistentes capazes de vê um mundo de diversas maneiras, nos tornando pessoas menos egoístas, nos tornando pessoas empáticas, capazes de se colocar no lugar do outro. Por essas e outras razões fizemos das nossas dificuldades, combustível para chegar aos nossos sonhos.

Espera-se que este trabalho com base em relatos de experiência sirva para a comunidade acadêmica como viés de reflexões sobre o papel da mulher na sociedade e contra todos os tipos de preconceitos, como também, de possíveis bases para novas pesquisas sobre esta temática. Outro aspecto muito relevante é a experiência de vida de ambas que se difere, porém encontra as mesmas dificuldades dentro da academia.

REFERÊNCIAS

BOTTINI, L.M; BATISTA, R.L. O trabalho da mulher durante a revolução industrial inglesa 1780 a 1850. **Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor PDE**, Paranavaí - PR, N.1, 2013.

BLAY, Eva Alterman; CONCEIÇÃO, Rosana R. DA. **A mulher como tema nas disciplinas da usp**. Cadernos de pesquisa, N° 76, FEV. P. 50-56, 1991.

BRASIL – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE- **Dados sobre o acesso da mulher na universidade e mercado de trabalho, 2015**. Pesquisado em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho.html>, Acesso em: 13 de Novembro de 2018.

FIGUEIREDO, Fabiana. **Índice de mulheres que concluíram ensino superior no AP é maior que o de homens em 2016**. G1 Amapá, Macapá, 24 de Dez. de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/indice-de-mulheres-que-concluíram-ensino-superior-no-ap-e-maior-que-o-de-homens-em-2016.ghtml>> Acesso em: 15 de Maio de 2019.

MARTINS, Angela Maria. Autonomia e educação: a trajetória de um conceito. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p.207-232, março/2002.

MORAIS, Paulo Dias. **História do Amapá: o passado é o espelho do presente**. Macapá: Printgraf Editora Gráfica, 2017.

MORAIS, Paulo Dias; MORAIS, Jurandir Dias. **Geografia do Amapá**. Macapá: JM Editora Gráfica, 2017.

PARANÁ. SEED – Secretaria de Estado da Educação. **A fábrica e a cidade até 1930**. São Paulo: Atual, 1995, Correção de Fluxo, 1997.

Universidade Federal do Amapá. SIGAA - **Sistema Integrado de Gestão de atividades acadêmicas**. Pesquisado em: <https://sigaa.unifap.br/sigaa/verTelaLogin.do>. Acesso: 12 de Novembro de 2018.

PNAD Contínua trimestral: desocupação cresce em 14 das 27 UFs no 1º trimestre de 2019. Agência IBGE Notícias, 16 de mai. de 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24486-pnad-continua-trimestral-desocupacao-cresce-em-14-das-27-ufs-no-1-trimestre-de-2019>> Acesso em: 18 de Maio de 2019.